

## A LITERATURA, OS JOVENS E A DEMANDA DOS VALORES PERDIDOS



*Ler não é sofrer, mas, falando com  
propriedade, estarmos prontos a receber em  
nossa casa um convidado, ao cair da noite*

STEINER, 2000: P.77.

*Sofia Nabais de Oliveira de Freitas e Menezes (\*)*

*Professora Assistente*

No nosso dia-a-dia discutimos amiúde e acaloradamente acerca da “falta de ética e de valores” que grassa actualmente na sociedade em geral, com especial enfoque para as camadas mais jovens; comentamos indignados o facto de esses mesmos jovens não demonstrarem qualquer tipo de interesse pela leitura e menos ainda por aqueles autores que, fazendo parte do nosso cânone literário, consideramos deverem inquestionavelmente fazer também parte do seu cânone cultural; quedamo-nos abismados perante o seu desconhecimento de certos vocábulos para nós de vital importância como escrúpulos, carácter ou espírito de entre-ajuda, só a título de exemplo; e questionamo-nos sobre como evitar o progresso inevitável entre os tais jovens do que consideramos ser o início da perda total da nossa identidade cultural.

Este tipo de questões ou constatações com que nos vimos deparando no nosso quotidiano, por frequentes que se vêm tornando, induzem-nos a alguma reflexão. E é através dessa mesma reflexão que vamos tentar compreender se, e de que modo, os pontos de discussão atrás enunciados estão, de algum modo, relacionados; e, em caso afirmativo, até que ponto poderemos tirar algum proveito dessa ligação em termos de soluções que consideremos favoráveis.

Assim, em primeiro lugar devemos tentar definir de que falamos, quando falamos de conceitos como ética ou valores, debruçando-nos sobre aquilo que

---

(\*) Docente na Academia Militar das disciplinas de Língua Inglesa III e IV. Membro efectivo do CINAMIL – Centro de Investigação da Academia Militar.

entendemos, afinal, por “falta” desses mesmos conceitos e sobre o porquê de, desde sempre, acusarmos os jovens disso mesmo. De seguida, é importante tentarmos fazer uma ponte entre aquilo que entendemos por literatura e a relação dos jovens com a leitura, ou melhor, dos jovens com aquela literatura: estará este binómio de algum modo relacionado com o nosso entendimento do que são a ética e os valores e, eventualmente, com a sua perda? A partir daqui tentaremos demonstrar como a literatura pode ter importância na compreensão e utilização de alguns conceitos que estão, afinal, na origem deste texto: ética, valores e até identidade cultural. Sendo que, a título conclusivo, tentaremos dar algumas sugestões de como aproveitar a literatura na prática desses mesmos conceitos.

## 1. PARA UMA REDEFINIÇÃO DA “FALTA DE ÉTICA E VALORES”: OS JOVENS ESSES GRANDES CULPADOS!

Além de estudar a justificativa de normas e de valores morais, a ética aponta essencialmente caminhos para uma escolha entre o Bem e o Mal e estuda as atitudes que conduzem o homem ao seu desenvolvimento pessoal ou à sua destruição. É, afinal, um exercício no qual o homem se interroga sobre a vida e o seu sentido, a legitimidade dos actos humanos individuais e colectivos e a pertinência dos valores que fundam esses actos.

De acordo com a lógica clássica, os valores regem-se por oposições binárias. Assim, por exemplo, a verdade opõe-se à falsidade, a beleza à fealdade e a bondade à maldade. Existem diversos tipos de valores: dos valores morais aos estéticos, passando pelos religiosos, políticos ou vitais. Todavia, quando nos referimos, no nosso quotidiano, à perda de valores, geralmente é aos valores morais que nos referimos.

Quando falamos de valores “morais”, estamos a referir-nos a um determinado tipo de valores: *são aqueles valores que dão voz às necessidades e expectativas legítimas de outros como também às nossas próprias*. As “expectativas legítimas” podem ser de muitos tipos: esperamos ser tratados com respeito, por exemplo e com honestidade e atenção (WESTON, 2002: p.18).

Algumas das razões para o que acreditamos ser a perda de valores ou a tomada de atitudes “menos éticas”, por outras pessoas<sup>1</sup>, encontram a sua justificação no facto de, entre outros factores, se sentir não haver, hoje em dia, um peso

---

<sup>1</sup> Cft Francisco Sarsfield Cabral, 2001, *Ética na Sociedade Plural*, Edições Tenacitas, Coimbra.

determinante por parte de instituições que pudessem guiar o homem: verificamos que, no presente, o peso e a importância dados à instituição religiosa, por exemplo, não são o de outros tempos.

No passado, religião e ética estavam intimamente ligados. Hoje em dia muitas pessoas acreditam que a ciência «refutou» a religião e afirmam que, uma vez que não existe uma autoridade espiritual prevalecente, a moralidade deve ser uma questão de preferência individual (DALAI LAMA, 1999: p. 15).

Um outro aspecto a considerar será o do progresso técnico, que nos trouxe outro tipo de preocupações e dilemas com que anteriormente não nos defrontávamos, provocando em nós toda uma série de inquietações e dúvidas acerca de muitas das coisas em que acreditávamos e que nunca imaginámos pudessem ser postas em causa. Em nossa opinião, o que actualmente se passa, ao invés de uma perda total de valores, como muitas vezes clamamos existir, é, de facto, o lento processo de tentativa de racionalização dos valores anteriormente vividos a um nível mais emotivo que tínhamos para nós como dados adquiridos e, logo, considerados como imutáveis e eternos. Aparentemente, esta perspectiva socrática, através da qual se inferia igualmente que o homem sábio só pode fazer o Bem, sendo as injustiças próprias dos ignorantes, já não é tão óbvia nos dias que correm.

Factor determinante para esta busca de novos sentidos para o nosso quotidiano, mais que determinação de perda de valores, é também o pluralismo e multiculturalidade em que hoje vivemos, e que nos coloca em constante debate com as nossas próprias questões éticas, pela diversidade de valores por vezes implicada; e bem assim com os binómios que confiamos serem os limites saudáveis e irrefutáveis de uma sociedade.

De relevar igualmente o factor família: quando o modelo de família tradicional se encontra em crise, quando outro tipo de relações familiares toma forma e se substitui àquele modelo tradicional que nos habituámos a ter como sólido e basilar, torna-se cada vez mais difícil eleger um conjunto de valores tradicionais a transmitir às crianças, e aos jovens. Feitas estas considerações questionemo-nos: serão os jovens, afinal, os principais arguidos no processo da sociedade eticamente incorrecta em que actualmente nos movemos?

É um facto que os acusamos de uma falta de referências que se torna a cada dia mais e mais notória para nós; mas serão eles os verdadeiros e únicos culpados? Se as nossas próprias bases morais vacilam com o sopro dos ventos de tanta mudança, se nos questionamos acerca da viabilidade ou pertinência dos nossos próprios códigos éticos, que podemos exigir daqueles para quem servimos de exemplo?

Actualmente, cada vez mais se equacionam binómios sem hipótese de uma terceira escolha, cada vez mais arbitramos em função do nosso conceito de bem e de mal como indivíduos e não como parte integrante de um grupo, de uma sociedade. O mundo maniqueísta em que velozmente nos vamos transformando, não permite variantes de cor entre preto e branco. E pretendemos nós que as nossas crianças e os nossos jovens encontrem a pista do cinzento sozinhas? Nas palavras de Dalai Lama (1999: p. 107):

A educação é muito mais do que uma questão de comunicar o conhecimento e os meios técnicos graças aos quais se podem atingir objectivos restritos. Trata-se de abrir a perspectiva da criança para as necessidades e os direitos alheios.

Em nossa opinião, uma das hipóteses para a utilização deste conselho em termos práticos, passa, nomeadamente, por conferir à literatura um papel mais preponderante na vida quotidiana dos nossos jovens. E de que modo poderá esta utopia tornar-se realidade?

## **2. PARA UM ENTENDIMENTO DA RELAÇÃO AMOR-ÓDIO DOS JOVENS COM A LITERATURA: A ÉTICA DA QUESTÃO**

A literatura é uma prática social, oral ou escrita, que acompanha o desenvolvimento histórico-cultural de cada povo. As obras literárias de qualidade descrevem em concreto os processos de desenvolvimento pessoal e de destruição que foram igualmente referidos no âmbito da ética.

No texto literário, ao assumirmos o papel de leitores, somos implicados naquilo que lemos, pois não podemos, nem conseguimos distanciarmo-nos do nosso quotidiano. O leitor é destituído do seu papel mais passivo e torna-se personagem, vive vidas alheias que chega a considerar apaixonantes e a pessoalizar até. Ou seja: todos os valores que defendemos, as nossas escolhas religiosas ou ideológicas, a classe social a que pertencemos, tudo aquilo que receamos ou desejamos vai ser, pode ser, ou terá já sido, objecto da escrita de qualquer autor. Mais ainda, mesmo que o não esteja objectivamente descrito, podemos nós, leitores, interpretar e descobrir o que quisermos num texto literário.

O nosso horizonte de expectativa, como leitores, é vastíssimo, e aumenta certamente na proporção das expectativas que vamos criando em relação à própria realidade. Além de que, à semelhança do que acontece com os valores, que funcionam partindo de um pressuposto aparentemente simples, porque binário, como aliás já referimos, também na literatura este conceito valorativo funciona em termos classificativos. Qualquer um de nós pode alvitrar que considera esta ou aquela obra boa ou má, sem receio de qualquer tipo de represálias.

Consideramos, inclusive, este ou aquele autor como exemplos do que é para nós boa ou má escrita, em termos muito simplistas. Mais uma vez, também neste campo existe aquilo que nós, como indivíduos consideramos o bom e o mau e o que a sociedade em que nos movemos preconiza. O ideal seria a consonância dos dois. O ideal seria que, pelo menos alguns valores fossem partilhados e vividos da mesma forma no seio de uma sociedade que partilhe do mesmo tipo de leis, hábitos e costumes. Mas onde começa essa harmonia? Ao referirmos a harmonia que todos preconizamos dentro da sociedade a que pertencemos, o propósito é exactamente o de a contrapor à inconstância permanente que todos os jovens atravessam em alguma fase da sua passagem ao mundo “equilibrado” dos adultos. E porquê essa inconstância? Talvez por eles próprios se encontrarem numa infundável procura das partes que compõem os inúmeros binómios com que nos deparamos no nosso quotidiano. Não será, portanto, e como já referimos, a perda total de todos os valores, será antes a procura de valores com que se possam, ou com os quais consigam de algum modo identificar-se. Mas como poderão eles proceder a essa demanda? Onde iniciá-la? Na companhia de quem? E é a partir deste ponto que poderemos apelar ao papel fundamental da literatura na ida ao encontro dos valores que julgamos perdidos.

Foi já mencionado algum do conteúdo de um texto literário, nomeadamente: uma identificação do leitor com as próprias personagens, com os costumes das mesmas, com o seu quotidiano e, logo, os seus códigos morais. E é este factor que se torna essencial: que os jovens se identifiquem com determinado modelo de comportamento, em vez de se sentirem obrigados a segui-lo. Não que o modelo esteja errado, o facto é que, para um jovem, tudo o que indicie obrigatoriedade e perda do poder de escolha está, à partida, excluído. E, ressalve-se, uma das particularidades que nos distingue como seres humanos de entre todos os outros seres é, exactamente, a capacidade de escolha que temos perante as situações.

No campo da literatura e no tocante à existência de uma autoridade implícita ao nível das escolas, que é irremediavelmente recusada pela grande maioria dos jovens, podemos referir o exemplo da leitura dos autores canónicos. No início desta comunicação mencionámos já que aqueles autores são quase unanimemente considerados como essenciais à passagem iniciática do jovem à idade adulta. E porquê?

Vigora entre nós o conceito de que, pela leitura, mais ou menos aturada de autores consagrados, todo o verdadeiro significado do conceito de identidade cultural e pertença é facilmente transmitido a qualquer leitor e com maior

amplitude ainda no caso dos jovens. Ora, se consideramos que esses jovens devem ser os receptores ideais da nossa herança cultural, pois deles dependerá a continuidade ou não do modelo comportamental e moral que preconizamos, há que mostrar-lhes o caminho a seguir.

Na realidade, os tais autores canónicos não são sequer considerados como modelo pelos jovens, pois a sua inclusão nos programas escolares com o rótulo imposto de *leitura obrigatória* coloca-os de imediato na prateleira dos livros a não ler – jamais. Ter de ler algo com o qual nada têm em comum e, mais ainda, ter de opinar em termos estruturais, lexicais ou semânticos sobre o mesmo é, para os jovens, factor de inibição e, por conseguinte, evitável quando não recusável.

Falar de uma obra a adolescentes, e exigir-lhes que falem dela, pode ser muito útil, mas não é um fim em si mesmo. A finalidade é a obra. A obra nas suas mãos. E o primeiro dos seus direitos, em matéria de leitura, é o direito de se calar (PENNAC, 2002: p. 148).

A solução, obviamente, não passa por, pura e simplesmente, retirar aqueles autores e textos daqueles programas, mas, talvez, por uma inclusão da literatura nas nossas vidas desde sempre. Existe uma clara ruptura entre o período dos contos de fadas de que as crianças disfrutavam até à idade escolar e que ouvem tantas e tantas vezes antes de adormecer e antes de tomarem, elas próprias, contacto com a leitura propriamente dita e os textos que consideram enfadonhos, passada que está a magia que a escola primária e a novidade da leitura podem proporcionar. É nesse período que o amor e encantamento pelas histórias cheias de moral que a infância nos ofereceu passa a ódio pelos textos de autores que viveram em tempos tão remotos que, na verdade, duvidamos terem realmente existido e logo, para quê lê-los?

Há que fomentar uma ponte que passe de facto pelo conhecimento biográfico dos autores, pelas personagens, pela classificação das mesmas e tudo o mais que os programas preconizam, mas que conceptualize também. Uma conceptualização que possa conduzir depois à prática os conceitos que serão os tais valores que queremos eternos e de cariz identitário. E essa conceptualização pode ser feita de inúmeras formas, nomeadamente pelo método simplista da comparação de hábitos e costumes das diferentes épocas; pela discussão da aceitação ou não desses hábitos, pelo questionar a evidência aparente da nossa realidade, só a título de exemplo.

### 3. PARA UMA PONTE LITERÁRIA ENTRE A ÉTICA DO PASSADO E A DO PRESENTE: DA INTEMPORALIDADE LITERÁRIA: OS JOVENS ESSES GRANDES INGRATOS!

Vivemos numa época em que tudo nos parece demasiado fugaz. A velocidade impera em todos os quadrantes do nosso quotidiano. Para os jovens o que importa, acima de tudo, é o imediato, o agora; e vivem esse eterno e enganoso presente em conjunto com os seus pares, na expectativa dissimulada de encontrar a segurança de um modelo a seguir em alguém ou em algo que ao invés de os censurar, os guie dando pistas sem autoritarismos que recusam aceitar como exemplo. É por isso necessário transmitir a estes jovens a ideia de que pertencem a uma sociedade onde, desde sempre foi seu apanágio, em todas as épocas, sentir o mesmo turbilhão de emoções que eles sentem hoje em dia. É importante, em termos identitários, mostrar-lhes que, para os jovens de todas as épocas, o presente é, sempre foi, o momento perfeito; para eles as preocupações essenciais sempre se mantiveram e sempre estiveram relacionadas com isso mesmo: o imediatismo do dia-a-dia e a necessidade de viver por impulsos apenas:

Mas nisso é que os jovens erram tantas e tantas vezes: os jovens (em cujo ser está não terem paciência) lançam-se uns aos outros quando o amor desce sobre eles, dispersam-se tais e quais são no seu desarrumo, desordem, confusão... (RILKE, 1904: p.69).

E de que forma é que isso poderia interessar-lhes e interessar à literatura? Por exemplo, pela tentativa de encontrarem, através da leitura, seja de que época for, alguém semelhante a eles, com quem se identifiquem e através de quem possam corporizar conceitos, valores ou códigos de ética. Ou ainda, exemplos de situações em que se revejam, com as quais possam ter oportunidade de reflectir acerca do seu próprio dia-a-dia; com as quais possam parar e pensar, sem que disso sequer se apercebam. E este tipo de situação, ou de personagem com a qual se identifiquem, não passa inevitavelmente pela *leitura obrigatória* dos autores consagrados pela sociedade ou pelas escolas. Passa por qualquer obra que os consiga seduzir e encantar. É esse encantamento que levará mais tarde, eventualmente, à procura do cânone por eles próprios.

Todavia, para que essa procura surja como necessidade, é necessária uma iniciação. Há que captar a atenção dos jovens através da sua inserção num contexto onde sintam que pertencem e que têm, por isso, voz activa na interacção com esse mesmo contexto, podendo inclusive modificá-lo ou não, segundo a sua vontade.

Um texto literário, para conseguir alcançar a simbiose perfeita com um jovem, tem de conseguir que ele se sinta parte do jogo literário e não, simplesmente como um observador de quotidianos alheios; um intruso do real de outrem. Quando a simbiose acontece, existem dois vencedores: de um lado, o jovem, ao descobrir que não está só, e que alguns conceitos que ele julgava fantasias individuais são afinal alguns dos códigos de valores que pode utilizar no seu dia-a-dia. Do outro lado, encontramos a literatura com mais uma conquista ganha; com mais uma paixão que alimenta agora fervorosamente para que se não apague mas, em vez disso, espalhe a sua chama a outros jovens sedentos de ouvir de um dos seus pares que não estão sós, que o cinzento afinal existe.

#### 4. PARA UM QUOTIDIANO ETICAMENTE LITERÁRIO

Tanto a ética como a literatura se referem a práticas do quotidiano, que é onde o homem pratica os seus valores.

Na verdade, alguns filósofos defendem que este é o objectivo central da ética: ajudar-nos a atingir certos padrões pelos quais temos de nos reger quando somos afectados pelo comportamento dos outros (WESTON, 2002: p.28).

Desde a Antiguidade até às tentativas de vanguarda, a literatura preocupa-se em representar alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real (BARTHES, 1979: p.22).

Tentámos ao longo desta comunicação demonstrar que:

- a) ao contrário do que quase diariamente afirmamos, os valores por que nos regemos não desapareceram – racionalizaram-se, modificaram-se, existem enfim.
- b) Os jovens, esses grandes culpados, não o são, afinal, tão taxativamente. Não estão indiferentes – estão algo perdidos; não são uma massa amorfa – são energia não direccionada que demanda, incansável, um caminho colectivo.
- c) O início da perda total da nossa identidade cultural só terá continuação se insistirmos em ficar presos a todo um passado que não consegue acompanhar já a velocidade do presente. Vivamos o passado com os olhos no futuro.
- d) A literatura pode ser um bom meio para dotar a vida em geral de maior sentido. Relativamente a esta tarefa, nada é mais importante que o impacte dos pais e dos que tomam conta de crianças; a seguir em importância vem a nossa herança cultural, quando transmitida à criança de forma acertada. Quando as crianças são pequenas é a literatura que da melhor maneira contém essa informação (BETTELHEIM, 1991: p.10).

Em jeito de conclusão podemos pois inferir que, a utilização da literatura deverá ser tida em conta como uma prática altamente benéfica e recomendável. Nomeadamente: pode ajudar-nos em termos de tomada de posição sobre qualquer assunto; pode servir como ponto de reflexão para as nossas dúvidas, angústias, ou problemas de ordem vária; pode ajudar-nos a crescer interiormente quando jovens aparentemente sem rumo, ou como indivíduos, parte integrante de um colectivo ao qual inegavelmente pertencemos.

Assim, o exercício da leitura não poderá continuar a surgir diante de nós como um obstáculo enfadonho, ou mesmo uma *leitura obrigatória*, mas sempre como uma porta aberta à interiorização e prática dos valores que consideramos essenciais ao nosso quotidiano. Começemos, pois, esse exercício de interiorização através da leitura daquilo que Daniel Pennac considera serem *Os Direitos Inalienáveis do Leitor* (PENNAC, 2002, p.7). E façamo-lo com a certeza de que, ao aceitarmos a inclusão do cinzento no nosso código de valores binário que seguimos desde sempre, passaremos a ser exemplo muito mais fiéis e fiáveis para os nossos jovens, esses grandes insatisfeitos!

### *Os Direitos Inalienáveis do Leitor*

1. *O Direito de Não Ler*
2. *O Direito de Saltar Páginas*
3. *O Direito de Não Acabar um Livro*
4. *O Direito de Reler*
5. *O Direito de Ler Não Importa o Quê*
6. *O Direito de Amar os Heróis dos Romances*
7. *O Direito de Ler Não Importa Onde*
8. *O Direito de Saltar de Livro em Livro*
9. *O Direito de Ler em Voz Alta*
10. *O Direito de Não Falar do Que se Leu*

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Manuel Soares, 1996, *A Literatura, a Escola e os Jovens*, Universidade do Minho.

BARTHES, Roland, 1979, *Lição*, Edições 70, Lisboa.

BETTELHEIM, Bruno, 1991, *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, Bertrand Editora, Lisboa.

CABRAL, Francisco Sarsfield, 2001, *Ética na Sociedade Plural*, Edições Tenácitas, Coimbra.

CARROLL, Lewis, 1977, *Alice do Outro Lado do Espelho*, Editorial estampa, Lisboa.

DALAI LAMA, 1999, *Ética para o Novo Milénio*, Círculo de Leitores, Lisboa.

JAHANBEGLOO, Ramin, 2000, *Quatro entrevistas com George Steiner*, Fenda, Lisboa.

MILLER, J. Hillis, 2002, *A Ética da Leitura*, Vega, Lisboa.

PENNAC, Daniel, 2002, *Como um Romance*, Edições ASA, Porto.

RILKE, Rainer Marie, 2002, *Cartas a um Jovem Poeta*, Edições ASA, Porto.

SAVATER, Fernando, 2004, *Ética para um Jovem*, Editorial Presença, Lisboa.

WESTON, Anthony, 2002, *Ética para o Dia-a-dia*, Ésquilo, Lisboa.

### Internet

<http://www.terravista.pt/ancora/2254/lexicon/etica.htm> 16.03.2004

<http://resenhas.sites.uol.com.br/etica.html> 10.03.2004

<http://www.espaciosdigital.com/articulos/verarticulo> 16.03.2004